

MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA, EFEITOS ESTÉTICOS E EDUCAÇÃO¹

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa
Unimep - Universidade Metodista de Piracicaba
Diretor da Faculdade de Comunicação

Resumo:

Com fundamento na Teoria Crítica, o trabalho empreende uma reflexão sobre a mediação das tecnologias digitais e eletrônicas de comunicação que modificam as formas de gestão da cultura, do entretenimento e da produção, circulação e apreensão de sentidos. Enfoca o processo de digitalização dos produtos da indústria cultural e a maneira como a convergência tecnológica, a miniaturização dos equipamentos e o ambiente sócio-técnico tendem a incorporar a lógica sistêmica da produção industrial e da hierarquização de qualidades. A exposição propende a destacar a relação entre mediação das tecnologias na esfera da sensibilidade e da inteligência, tendo como eixo questões formativas e culturais.

Palavras-Chave:

Digitalização, Indústria Cultural, Estética, Educação e Mediação Tecnológica.

Apresenta-se aparentemente anacrônica, em função do fascínio que a tecnologia desperta no contexto das mídias digitais e eletrônicas, a contraposição adorniana entre progresso material e regressão dos sentidos e da imaginação. A emblemática subsunção da cultura ao esquematismo da produção industrial e a forma como a expansão técnico-científica se tornou força produtiva e historicamente foi absorvida por projetos antiiluministas, faz com que seja educativo elucidar os mecanismos que tornam possível a razão produzir seu contrário: a mistificação.

¹ Este artigo resulta de uma trajetória de estudos, iniciada em 1991, na UFSCar, quando foi criado o Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação, que hoje funciona também na Unimep e Unesp/Araraquara, sob a coordenação geral do prof. dr. Bruno Pucci. Mediação tecnológica, efeitos estéticos, a dimensão da ética e a questão da formação na sociedade moderna, dentre outros eixos temáticos, têm sido trabalhados em colóquios internacionais, projetos de Mestrado e Doutorado, cujos fundamentos na área da filosofia da educação podem ser depreendidos em publicações, tais como: "Teoria Crítica e Educação - A Questão da Formação Cultural na Escola de Frankfurt" (PUCCI, 1994) e "Tecnologia, Cultura e Formação... Ainda Auschwitz" (PUCCI, LASTÓRIA e COSTA, 2003).

Mesmo diante de todos aparatos que revolucionam as formas de comunicação, e que permitem acesso remoto, novas possibilidades de representação do real e de produção, circulação e difusão de informação, ainda permanece a inquietação de que, no processo civilizatório, convivem desenvolvimento técnico-científico e barbárie estética. A ampliação dos circuitos de informação e as novas habilidades decorrentes das tecnologias digitais e eletrônicas, que metamorfoseiam sensações e mentes, inegavelmente potencializam campos da experiência e da imaginação, contudo ainda ressoam as palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 46):

"A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma regressão mais forte. A fantasia atrofia-se".

Em *Educação Após Auschwitz, A Educação contra a Barbárie e Educação e Emancipação*, Theodor Adorno (1995) formula o argumento de que, para que não se repitam as condições de regressão - aqui ficam retidas na memória as atrocidades promovidas em nome do progresso técnico e da produção industrial da cultura - é necessário sublevar o estado de consciência das pessoas. Para tanto, educação significa desvelar os mecanismos subjetivos que tornam aceitáveis a adesão, sem muita resistência, a modelos políticos autoritários e a esquemas de produção cultural que tendem à pauperização estética, mesmo quando pretendem informar, entreter e mobilizar a sociedade. Em se tratando de indústria cultural, a irracionalidade está presente na violência da busca do sensacionalismo, no humor que estigmatiza segmentos sociais e gêneros e em outras formas de simplificação de conteúdos e de repetição esquemática de estruturas narrativas².

² Na tese de Doutorado defendida na Unicamp, em 1999, que foi publicada em livro ("Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos", pelas Editoras Unimep e Autores Associados), buscamos explicitar como a racionalidade técnica permeia a construção dos artefatos simbólicos, especialmente associados à narrativa jornalística, tendo como fundamento a idéia de que nas estruturas de funcionamento das tecnologias de comunicação se processam linguagens e estéticas que se integram à lógica do mercado.

O essencial para a educação - em relação ao efeito que provoca a mediação das tecnologias de comunicação na sociedade contemporânea, quando a informática modifica a forma de gerir o conhecimento e se configura em extensão do sistema nervoso e da inteligência (Lévy, 1994) - é tornar consciente os mecanismos de funcionamento da indústria cultural no contexto da digitalização da informação, em termos de decifrar linguagens, funcionalidades e articulação do conhecimento com o aperfeiçoamento moral. Determinadas apreensões de Adorno e Horkheimer (1985) sobre o caráter concêntrico da indústria cultural, sua disposição em hierarquizar qualidades e promover a heteronomia cultural tornam-se ainda mais emblemáticas nesta etapa histórica de megafusões das corporações de informação e de entretenimento, de segmentação de público e de transnacionalização dos artefatos.

Marilena Chaui (2006, pp 64-66) constata que, no ambiente da mídia digital e eletrônica, há um acirramento do poder do capital em diversas esferas da vida humana, não só na evidente capacidade multiplicativa de informação, mas também na dimensão do tempo, do espaço, do corpo e da psiquê humana. Neste momento, complementa, em que a ciência vai se configurando cada vez mais como força produtiva, em paralelo, se dá a "absorção do simbólico pelo econômico". O lado mais visível é a intensidade do fluxo, do efeito da imagem e da transitoriedade da informação. A percepção eclipsada deixa de apreender a racionalidade técnica na forma de produção dos artefatos e na articulação sistêmica dos suportes, suas linguagens e operacionalidades como se desprendessem das forças econômicas e simbólicas que se configuram na sociedade pós-industrial.

A invisibilidade da ação da indústria cultural sobre os sentidos e juízos, bem como na esfera da linguagem e da formação do gosto, está em não reconhecer que os objetos criados se voltam para sujeitos que são formados para consumi-los. Marx (1991) pressupunha que o consumidor é criado pelo sistema de produção. Sem que se recaia num determinismo econômico ou num esquema que desconsidera a particularidade subjetiva, não é desprezível o argumento de que as indústrias da cultura administram, em alguma medida, as necessidades humanas e estabelecem pré-sensibilizações que se ajustam ao esquema de produção.

Nesse sentido, o processo de informatização da sociedade - que permite mediações simbólicas e mudanças nas habilidades humanas em termos de produção de artefatos

culturais, de investigação científica e de circulação e apreensão de mercadorias que interpelam o imaginário, a memória e o desenvolvimento da linguagem - torna-se um vetor de como a vida humana é gerida na organização do trabalho, no momento de lazer e na forma de conviver num estágio em que os esquemas de produção capitalista interpelam os rumos da ciência, da produção cultural e de como as pessoas organizam o seu tempo e os deslocamentos. Na era da informática, paralelamente à vertigem do acesso de informações, convivemos com situações-limite de vigilância e do comprometimento da subjetividade. Kehl (2004), fundamentado-se em Guy Debord e Theodor Adorno, vai tratar do isolamento dos indivíduos nas sociedades de massa e do caráter fetichizante das relações sociais mediadas pelo espetáculo da imagem.

As tecnologias digitais e eletrônicas, que rompem temporalidades e espacialidades, e que constituem o espírito desta época demarcada pela velocidade do deslocamento e fluidez da informação, alteram sensivelmente a noção de experiência e de adaptação ao mundo existente. Se decorrem da indústria e da pesquisa científica, no dizer de Crochík (2003, p. 99), os computadores estendem para outras esferas, inclusive no ambiente educacional e na produção da cultura, a racionalidade de origem. Para ele, a crítica da sociedade comportaria também a crítica aos instrumentos técnicos.

1. Informatização e Indústria Cultural

Quando Lévy (1994, p. 10) menciona que as tecnologias de inteligência se configuram na modernidade como suportes de comunicação que revolucionam a forma de gerir o conhecimento, em comparação com as etapas da oralidade e da escrita que não desaparecem, mas se tornam mais complexas quando incorporadas pela informática, suas contribuições teóricas favorecem a pensar o ambiente sócio-técnico como um tema filosófico e político, na perspectiva de que vivemos e nos constituímos permeados pelas tecnologias que estendem a percepção e a inteligibilidade. A acentuada incorporação da informática na produção industrial, na esfera dos serviços e das comunicações, cria um ambiente que impacta a organização social em termos de redefinir cidadania e democracia (Cf. Garcia dos Santos: 2003, p. 145).

Contudo, o crescimento exponencial da informação, a capacidade de extensão sensorial que predicam as tecnologias da informática, através dos games, animações e uso da simulação em plataformas jornalísticas e publicitárias, não podem ser considerados separadamente das estruturas de poder, de monopólio e da incorporação da racionalidade técnica que permeiam o processo de digitalização da informação. Mesmo que ocorra um redesenho nas formas de organização do fluxo de informação, em função do formato das redes descentradas, que dificultam procedimentos convencionais de controle, a expansão da informática não deixa também de ser administrada pela produção jornalística e publicitária e pelos setores estratégicos de inteligência.

A perspectiva teórico-crítica, que se estrutura na tradição originada com a fundação do Instituto de Pesquisa Social da Alemanha, na década de 20 do século passado, pressupõe investigar a incursão das novas tecnologias na sociedade, nas variantes culturais e de formação do sujeito, a partir da compreensão de seu caráter ambivalente. Isso significa que os inventos tecnológicos, que exteriorizam a mente, a intervenção humana na natureza e na sociedade, e que se são incorporados historicamente na dialética das estruturas de poder, representam possibilidades de esclarecimento, pois sugerem libertar o pensamento das explicações míticas. Todavia, há um contrafluxo nessa perspectiva cultuada pelo espírito do Iluminismo, e o que se verifica é um mundo que passa pelo desencantamento, ao mesmo tempo em que o progresso técnico obtido contraria a idéia de humanidade³.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 19):

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida

³ Menção ao texto "Progresso", de Theodor Adorno (1995), quando é explicitado o argumento de que a organização racional do mundo, acentuada pelo potencial técnico-científico administrado como força produtiva, não deve ser interpretada apenas na competência humana em ter novas habilidades e ampliar as fontes e acesso à informação e ao conhecimento, mas ajuizadas sob o destino que o progresso técnico empreende em termos de humanização. Ao se perceber como vértices separadas (progresso tecnológico e emancipação), o que resulta da produção industrial, incluindo os artefatos culturais, circula como objetos desprendidos de contexto e historicidade. A fetichização da mercadoria simbólica é um resultado similar a *Auschwitz*: a desumanização paradoxalmente é alcançada com exímia calculabilidade do homem esclarecido.

resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.

Incorporando essa premissa de que o progresso tecnológico produz, tanto alternativas exploratórias de desencantamento do mundo e de extensão sensorial e novas possibilidades de organização do pensamento, quanto regressões e novas formas de sociabilidade baseadas na imitação, no hedonismo e no isolamento, passaremos a focar o que se segue: o processo de digitalização dos produtos da indústria cultural e a maneira como, no contexto da convergência tecnológica e da miniaturização dos equipamentos, ocorre a incorporação da lógica sistêmica da produção industrial e da hierarquização de qualidades.

Inicialmente, as pesquisas fundamentadas na Teoria Crítica que se reportam a objetos da comunicação, linguagem e artes tendem a não isolar o conteúdo das formas de produção. A suposição básica é de que no aparato técnico, nas determinações históricas para seu aparecimento e uso social, bem como na conformação da mensagem, encontram-se elementos que propiciam acionar esquemas de percepção e de intelecção, condições para apreensão dos sentidos da mensagem e demais variantes que respondem pela organização material dos dispositivos e artefatos simbólicos. Para Adorno (1986, p. 42): "As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem".

Isolar um determinado fenômeno da comunicação, na perspectiva de interpretar o processo de recepção, sem que se considere o caráter articulado de seu conteúdo com as engrenagens estruturais do mundo industrial e globalizado, pode ser um exercício interessante para desenvolver argumentos sobre a apreensão subjetiva e diferenciada que cada um faz da mensagem em função de sua experiência e conhecimento da linguagem do meio. Mas, se fixar no *factum*⁴, na manifestação em si que se apreende do enunciado da

⁴ Adorno e Horkheimer (1985, pp 38-39) formulam o seguinte juízo: "Na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão do todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a

mensagem, pode ser um caminho de obscurecimento da estetização da realidade e da articulação administrada do desejo com o consumo e com a violência, que tem sido um veio explorado pela indústria cultural para ampliar a audiência, definir a pauta jornalística e os efeitos da produção publicitária, de animações etc.

Essa exposição não minimiza as contribuições das pesquisas de recepção, mormente fundamentas das teorias da enunciação e nos estudos correntes de mediação das tecnologias na construção da subjetividade e na possibilidade do enunciado ser apreendido diferentemente em função do repertório lingüístico e da experiência de cada um que interpreta e reage às mensagens mediadas pelos suportes midiáticos. Inegavelmente, a apreensão se dá de forma subjetiva, que é distinta em cada circunstância particular, mas trata-se de observar que o processo de digitalização da informação, que corresponde a uma assimilação de operações lógico-formais pré-ajustadas ao funcionamento industrial, confere aos objetos e suas linguagens uma estética que se incorpora aos parâmetros de funcionamento do suporte digital e eletrônico. Em alguns casos, a velocidade empreendida pela informação em tempo real, uma constante busca do jornalismo online, não vem acompanhada de estruturas narrativas que permitem observar os fatos além de sua imediaticidade. A dinâmica de justapor informação à lógica da presentificação propende a diminuir o caráter investigativo e o apreço literário da notícia.

Na era da informatização da produção cultural, quando os meios que reproduzem a imagem, o som e a escrita vão sendo incorporados pela linguagem dominante do computador, o que se nota é que, a par do crescimento exponencial da circulação de informações, e do acesso remoto a elas, verificamos a existência de forças concêntricas em termos econômicos com as megafusões e portais que se articulam no âmbito da indústria cultural. Em conseqüência, setores estratégicos da organização empresarial dos suportes midiáticos tendem a incorporar a digitalização da informação numa perspectiva similar a dos meios tradicionais, ou seja, estabelecem a agenda social e hierarquizam a qualidade dos

subordinação obediente da razão ao imediatamente dado. Compreender o dado como tal, descobrir nos dados não apenas suas relações espaço-temporais abstratas, com as quais se possa então agarrá-las, mas ao contrário pensá-las como aspectos mediatizados do conceito, que só se realizam no desdobramento de seu sentido social, histórico, humano - toda a pretensão do conhecimento é abandonada. Ela não consiste no mero perceber, classificar e calcular, mas precisamente na negação determinante de cada dado imediato. Ora, ao invés disso, o formalismo matemático, cujo instrumento é o número, a figura mais abstrata do imediato, mantém o pensamento firmemente preso à mera imediatidade. O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma -se em mera tautologia".

produtos, sendo que as estratégias de segmentação são calculadas em função do suposto interesse da audiência.

Em se tratando da Internet, como um suporte que deixa de ser operado apenas na perspectiva sistêmica da indústria cultural, outras variantes se apresentam, dentre elas, a privatização das possibilidades comunicativas, já que, no ciberespaço, há deslocamentos e fluxos descentrados de informação, que minimizam o controle por parte do Estado, facultam ações contraculturais e são capazes de gerar mobilizações na esfera política e cultural. O nosso percurso de evidenciar a apropriação da razão instrumental no processo de produção dos artefatos produzidos pela indústria cultural, no momento em que a mídia digital se torna hegemônica, tem o propósito de demarcar que os aparatos técnicos, quando surgem, respondem pelo ordenamento de necessidades que historicamente vão se delineando pelas forças existentes nas sociedades. A exclusão digital e o uso dos aparatos na perspectiva da guerra, da vigilância ou da exploração das emoções e dos desejos, a rigor, decorrem de motivações que sequer são neutras ou perceptíveis apenas na dimensão imediata.

Crochík (2003, p. 109) argumenta que: "O desenvolvimento da tecnologia repõe, por seu caráter formal, a dominação social. Portanto, não é simples pensar que, numa sociedade não-livre, ela pudesse ser libertadora"⁵. Uma dimensão educativa, que é desafiadora nos tempos atuais, passa pela possibilidade de tornar consciente os mecanismos que comprometem a autonomia e a liberdade de expressão justamente nos ambientes sócio-técnicos onde não se percebe a violência do sistema industrial. A convergência tecnológica, que está associada à mobilidade dos equipamentos e à transferência de informação de um suporte a outro, cria oportunidades inimagináveis de integração sistêmica de usuários e lugares que se conectam. A transportabilidade dos suportes de comunicação, na perspectiva favorecida pela nanotecnologia, inegavelmente gesta possibilidades de interação, acesso e reelaboração do conhecimento.

Mas, é preciso reconhecer que, na produção jornalística, para mencionar uma área que responde imediatamente à inserção de tecnologias digitais, que agilizam fluxos de

⁵ Em seguida cita Marcuse (1982, p. 19): "Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de 'neutralidade' da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas".

imagens e que presentificam fatos deslocados no tempo e nos lugares, há uma tendência de uniformização de pauta e de fragmentação dos fatos sociais. A busca da sensação, na esfera do espetáculo, muitas vezes compromete a investigação, a busca do contraditório e a ética profissional.

A propósito, retomamos uma passagem do livro "Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos:

Apesar do caráter descentrado e da possibilidade de interação ativa dos usuários dos computadores, a indústria cultural ainda é hegemônica no processo de produção da cultura, na medida em que tende a separar o momento de concepção da mensagem do instante de sua apropriação. Estrategicamente, os recursos técnicos utilizados pela informática não abandonaram a perspectiva de concentração do capital aplicado à produção da cultura. Ou seja, CD-ROMs, laserdiscs, softwares, entre outros recursos, são reproduzidos tecnicamente em escala industrial e, por mais que permitam interação aleatória dos usuários, ainda assim constituem universos com conteúdos pré-elaborados - COSTA: 2002, p. 114.

2. Politizar as Novas Tecnologias⁶

Tomando como recorte o aparecimento das videoartes e de formas de simulação do real com os suportes da informática e da eletrônica, Garcia dos Santos (2003) estimula a reflexão sobre o impacto da digitalização no ambiente de descobertas genéticas, bem como dos inventos associados à nanotecnologia e à intervenção humana na natureza. Ao fazer, portanto, um diagnóstico das interpelações da tecnologia em relação ao ambiente, à sociedade, à arte e ao futuro humano, este autor fala da exigência de politizá-las, ou seja,

⁶ Expressão de Laymert Garcia dos Santos, professor do IFCH-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

decifrar seus códigos além do uso, o que requer identificar fronteiras da artificialização promovida pela técnica e a crise do humanismo.

Os avanços da biotecnologia e da virtualização de diferentes esferas da vida, que permeiam novos sentidos na relação homem e máquina, recolocam a dualidade entre progresso tecnológico e, extensivamente, a possibilidade de esclarecimento, num momento em que se agudizam a mistificação e o descontrolo da intervenção humana na natureza. "Não é mais possível isolar a tecnologia do uso ao qual ela é destinada; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que funciona no próprio plano das concepções e das construções das técnicas", afirma Marcuse (1997, p. 21).

Torna-se uma dimensão educativa, portanto, elucidar que, a par do uso que a sociedade faz da técnica, sem o descuido de desconsiderá-la na perspectiva da complexidade do ordenamento sensorial e da inteligência, que cria rupturas nas formas de sociabilidade, produção e acesso à informação, há uma outra dimensão silenciosa que precisa ser destacada: a técnica resulta do ambiente demarcado pela expansão científica e do capital, sendo que a politização precisa se dar no plano da percepção. Ou seja, educar para as novas tecnologias pressupõe transcender ao objeto manifesto e fazer incursão às mediações que este estabelece nas condições de produção, como circulam na esfera das trocas e são apreendidos sócio-culturalmente.

O ritmo industrial responde pela aceleração da produção e sua dinâmica é incorporada em outras esferas da vida, sendo que, mesmo quem está excluído do processo, ou dele não queira participar, no dizer de Garcia dos Santos, encontra-se envolvido, já que a técnica não deve ser apreendida apenas no momento em que é utilizada. "Por mais importante que seja o plano utilitário, este não esgota o modo de existência das máquinas; mas tudo que na tecnologia extrapola a função do uso permanece invisível e não é percebido. E aí parece residir o perigo", observa Garcia dos Santos (2003, p. 10).

Politizar as novas tecnologias, tendo em conta as implicações no meio ambiente, na cultura e nas formas de convivência social corresponde, portanto, a um processo formativo que torne possível a apreensão de sua condição instrumental. Num ambiente de aceleração e de deslocamentos de tempo e espacialidade, no qual a virtualização estimula novas experiências, e ocorre a reconfiguração do humano/máquina, a relação com as tecnologias passa pela observação de que ela foi instrumentalizada pelo capital global. É educativo,

quando há um fascínio pelas possibilidades da técnica, ponderar se progresso resulta em humanização. Essa é uma questão pungente e, à maneira de Walter Benjamin, quando analisa o quadro "Angelus Novus"⁷, de Paul Klee, é sensato considerar que a racionalidade técnico-científica gestou muitas possibilidades emancipatórias, mas paradoxalmente produziu escombros que precisam ser refletidos em seus desdobramentos históricos na vida humana.

Referências Bibliográficas

Adorno, Theodor W. *Educação e Emancipação / Theodor Adorno*, Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.

_____. Theodor W. *Progresso*. In: *Palavras e Sinais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

_____. Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Trad. de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.

_____. Theodor W. *Educação Após Auschwitz*. Trad. Aldo Onesti. In: COHN, Gabriel, *Theodor Adorno - Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História - Obras Escolhidas*, 6^a Ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e Poder - Uma Análise da Mídia*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. *Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos*. Campinas / Piracicaba: Autores Associados / Editora da Unimep, 2002.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. *Limites e Rupturas na Esfera da Informação*. In: *Politizar as Novas Tecnologias – O Impacto Sócio-Técnico da Informação Digital e Genética*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

⁷ Eis o que diz Benjamin (1993): "Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada. Suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.

- KEHL, Maria Rita. *O Espetáculo como Meio de Subjetivação*. In: BUCCI, Eugênio, KEHL, Maria Rita, *Videologias: Ensaio sobre Televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- MARCUSE, Hebert. *Cultura e Sociedade - Vol. 1*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. Hebert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*, 6ª edição, Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política. Manuscritos Econômicos Filosóficos e Outros Textos Escolhidos (Os Pensadores)*, 5ª. ed. Seleção José Arthur Giannotti. Trad. José Carlos Bruni et. al. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PUCCI, Bruno, LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco, COSTA. Belarmino Cesar G. da, *Tecnologia, Cultura, Formação... Ainda Auschwitz (Orgs.)*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria Crítica e Educação – A Questão da Formação Cultural Na Escola de Frankfurt*, 2ª ed. Petrópolis / São Carlos: Vozes / Editora da UFSCar, 1995.